

AMAG

DIRECTOR

A. LIND V.

Nº 231

CONSELHEIRO X X

M. RICHARD NEIRO

JO 1926



— Vejo-lhe os braços, o busto . . .
Na vitrina passa o dia . . .

Qual será, meu Deus, o custo
Daquella mercadoria ?

ACABA DE APPARECER

EM NOVA EDIÇÃO:

Conselheiro XX (HUMBERTO DE CAMPOS)



ANDRÉ
GUEVARA

PEDIDOS À
LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 — Rio de Janeiro

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanao illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Humberto de Campos

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua da Quitanda, 59 — Telephone Norte 7703

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:		Capital:	
Anno	30\$000	Numero avulso	\$500
Anno (sob registro) . . .	50\$000	Atrazado	\$600
Numero avulso	\$600	Idem, sob registro mais.	\$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:		Registrado:	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Publicação retida — (Anuncios) — Preço por vez

Em papel couchê		Em papel assetinado	
1 pagina	250\$000	1 pagina	200\$000
1/2 "	130\$000	1/2 "	110\$000
1/4 "	70\$000	1/4 "	60\$000
Capa anterior - (cores) . .	450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000	
Contra capa, 1a. e 2a. a	350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7	

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu proprietario,
Humberto de Campos

FALLENCIA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizo a mui conhecida firma Rins, Bexiga, Prostite & Cia., doença collectiva por acções do porador, está condemnada a desaparecer de circulação desde que seja atacada no fôro intimo pelo admiravel curador que se chama BLENOL e se encontra em todas as boas pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 20-5-1900, sob o n. 44.



A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

Executa com perfeição e nitidez impressões de albums, revistas e
- - todo e qualquer trabalho concernente às artes graphicas - -

Especialidade em impressões de chromos, trichromias, etc.

Hermes Pottes

RUA PAULO FRONTIN, 103

Telephone: CENTRAL 2795

(Esplanada do Senado)

RIO DE JANEIRO

Vigogenio

Engorda e dá vigor aos tecidos

O melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "VIGOGENIO" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico.

As Mães que criam, os Anemicos, as Moças pallidas, as Crianças rachiticas e Escrophulosas, os Exgottados, os Depauperados obtêm CARNE, SAÚDE, VIGOR e SANGUE NOVO, usando o "VIGOGENIO".

O "VIGOGENIO" é aconselhado:

1.º — Para as pessoas Fracas, Magras e com FALTA DE APETITE.

2.º — Para as pessoas com EXGOTTAMENTO PHISICO e cerebral, NEURASTHENIA e Excitação nervosa.

3.º — Para as pessoas em Convalescenças de MOLESTIAS INFECCIOSAS como FEBRE TYPHOIDE, gripe, VARIOLA, etc. Nestes casos o "VIGOGENIO" é de grande resultado.

4.º — Para as SENHORAS GRAVIDAS é muito recommendado, porque, devido ao seu grande poder nutritivo, augmenta a secreção lactea, concorrendo para a nutrição do pequeno sêr em formação.

5.º — Para as CRIANÇAS PALLIDAS, magras, de CRESCIMENTO DEMORADO é de um resultado espantoso, pois é o tonico APPROPRIADO para esse fim. POUCOS VIDROS produzem effeito visivel, notando-se logo AUGMENTO DE PESO e melhor aspecto da criança.

6.º O "VIGOGENIO" é o fortificante mais receitado pelas notabilidades medicas, como Miguel Couto, Austregesilo, Rocha Vaz e outros, que, em BRILHANTES ATTESTADOS affirmam o SEU GRANDE VALOR.

MIGUEL COUTO, o mestre da Medicina, diz:

"Attesto que tenho empregado em minha clinica particular e na do hospital, com o MELHOR RESULTADO, o "VIGOGENIO", EXCELLENTE PREPARADO, não só pela sua COMPOSIÇÃO, como pela IRREPREENHIVEL fabricação."

DR. MIGUEL COUTO.

(Firma reconhecida.)

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob n. 833, em 20-11-919

Em uma joalheria da Avenida, o empregado procura impingir ao freguez uma cruz de osso, como de marfim.

— Mas esse marfim é falso! Olhe! veja! — mostra o freguez.

— Ah, meu caro senhor, — faz o empregado, atrapalhando-se. — Se é falso, a culpa não é da nossa casa.

E desculpando-se:

— Quem sabe se esse elephante não tinha dente postiço?

★ ★ ★

Em um salão, o Possidonio inventa adivinhações, para serem decifradas por uma senhorita.

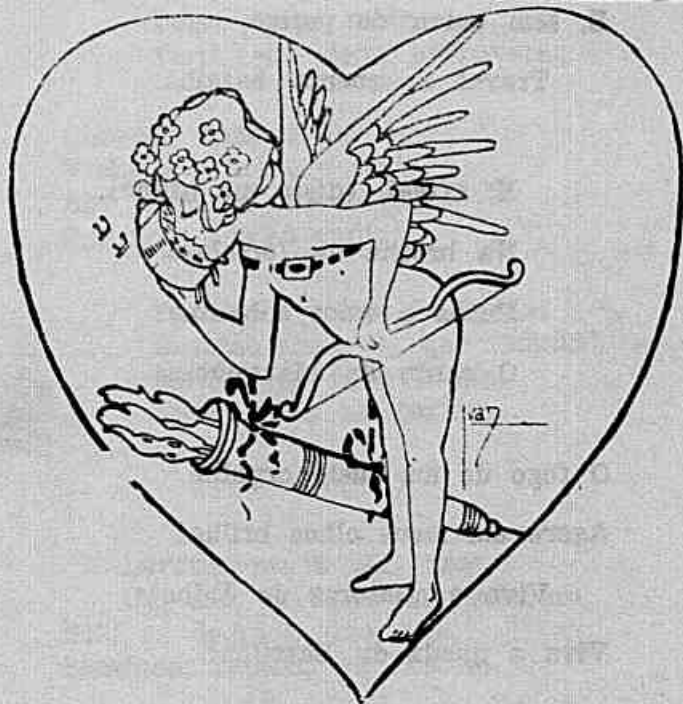
— Que é, que é: agora está comprido. d'aqui a pouco está curto?

— Oh, cavalheiro!... — faz a moça, toda vermelha.

E o Possidonio, innocente:

— Meu Deus! não ha nada mais simples: é a saia das mulheres!...

★ ★ ★



REGULADOR FONTOURA



O
GRANDE REMEDIO
DAS
SENHORAS

PARA
COMBATER AS CAUSAS
QUE ALTERAM
O SEU ESTADO DE SAUDE
E PARA ELIMINAR
OS DISTURBIOS NERVOSOS
AS CRISES DOLOROSAS
E A CONSEQUENTE
DECADENCIA
PHYSICA

Uma mulher só está contente quando se casa. Mas só se sente feliz quando se divorcia. — Carlton.

★ ★ ★

Para algumas mulheres, o amor é uma sineta que toca sem cessar e que lhes perturba continuamente o repouso. — Cora Harris.

★ ★ ★

As unicas mulheres que dezejam ser homens são aquellas que não sabem que ellas são mulheres. — Carlton.

LOTERIA FEDERAL

UNICA official.
UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.
UNICA por cujos premios responde o Thesouro
UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.
CAPITAL: 3.000 contos COM O DEPOSITODE 500 CONTOS
no Thesouro.

PREDIO proprio, á Rua 1.º de Março 110, com frente para a
Rua Visconde de Itaboraity, 67, Extrações diarias ás
2 h12. e ás 3 horas aos sabbados.



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
(UJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS,
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.
À VENDA NAS BÔAS PHARMACIAS E DROGARIAS
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.º DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO.
LIC. D. U. S. PUBLICA Nº 469 DE 16-9-905 - (MARCA REGISTRADA)



— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabelo

Deposito: Pharmacia e Drogaria Giffoni — 1.º DE MARÇO, 17

Um bandido e a sua cumplice estão condenados á morte, e marcham para o supplicio quando chega um portador, com a ordem de commutação de pena para a mulher.

— A mulher, então, não será enforcada? — indaga o capellão.

— Não, senhor.

— Ora, que pena! — faz o religioso.

E com tristeza:

— E eu que a tinha preparado tão bem para morrer!?...

★ ★ ★

Lalá examina o seu lindo vestido de seda, e,

reflectindo sobre a sua ultima lição de Historia Natural, observa:

— Não é curioso, mamãe, que tudo isto nos venha de um animalsinho tão repugnante?

— Tens razão, minha filha, — confirma madame.

E num suspiro:

— Tudo isso nos vem de teu pae!...

★ ★ ★

— Meu pae, — contava o Abrahão, — meu pae, quando nasceu, pesava apenas quinhentas grammas.

E o Possidonio, distrahido:

— E creou-se?

PILULAS DE TAYUYA contra PRISÕES DE VENTRE, DIGES. TÕES DIFFICEIS E SUAS MANIFESTAÇÕES

PURGATIVO INNOCENTE

Quatorze de Julho POR OLAVO BILAC

FANTASIO

Naquelle dia de julho
Foi que eu (recordas-te, filha?)
Pude vencer teu orgulho...
E demoliu-se a Bastilha!

II

Não sou vaidoso; mas juro:
Tenho amado e sido amado...
Seja eu feliz no futuro,
Como já fui no passado!

Claras, rosadas, morenas
Por estes braços passaram:
Adorei grandes, pequenas,
E ellas tambem me adoraram.

Meu coração é uma praça
Onde todas têm passagem:
Aqui a andorinha passa,
Passa aqui a carruagem.

Tenho um amor, novo em folha,
Para todas as bellezas:
E amo, fugindo da escolha,
Lavadeiras e duquezas...

III

Mas, não era lavadeira
Julia; duquesa não era:
Pobre moça costureira...
Terra em plena primavera...

Dezeseis annos... De tarde,
Vinha á janella, e cosia:
Ah! como eu era covarde,
Que nem olhal-a podia!

Passava o tempo á janella:
E minh'alma, — que tortura! —
Morava no collo d'ella,
Embrulhada na costura...

IV

Levaram-me á sua casa
Um dia. E, cheio de assombro,
Subi os degrãos, uma asa
Sentindo, rapida, ao hombro.

Entrei. Tolheu-se-me a fala.
Ergui o olhar para o espelho;
Tonto, no meio da sala,
Fiquei vexado e vermelho.

Depois... Não sei como o diga...
Noites de extase e de encanto...
Costurava a rapariga,
E eu, mudo, ficava a um canto.

Punha-me a olhal-a, calado...
A mãe, severa matrona,
Muda ficava, ao meu lado,
Cochilando na poltrona.

V

Porém, um dia, acontece
Que a velha sae a passeio.
Entro: Julia empallidece...
Falo-lhe: bate-lhe o seio...

Luar lá fóra... Na minha,
Senti-lhe a mão abrasada,
— Mão formosa de rainha,
Mão de sylpho, mão de fada.

Ambos ficamos calados,
Ambos ficamos vermelhos:
E eu, aos seus pés adorados,
Cégo, cahi de joelhos!

Disse-lhe tudo: os momentos
De angustia, a minha ansiedade,
Tudo! — e com taes juramentos,
Com tanta sinceridade,

Que a pobre caiu no laço,
E que enlaçados ficamos,
— Dous corpos no mesmo abraço,
— Na mesma arvore dous ramos...

Depois...

VI

...na rua, um barulho...
Foguetes... (lembras-te, filha?)
— Era o quatorze de julho:
Demolira-se a Bastilha!

OLAVO BILAC

FANTASIO

Quatorze de Julho POR BASTOS TIGRE

D. XIQUOTE

"Eu — povo, tu — nobre dama —
Tu — ricaça, eu — farroupilha —
Para esse amor que me inflamma
Teu orgulho é uma Bastilha.

Disse-lhe eu. Ella sorria
Como a rainha á canalha.
E a separar-nos havia
Intransponível muralha.

Brecha, fenda, racha, — nella
Meu olhar não descobriu;
Era mais forte que aquella
Que Desmoulins demoliu.

Mas á má sorte do jogo
Ou do amor ninguém se humilha;
E eu resolvi, demagogo,
Dar com o basta na Bastilha.

Fiz-lhe versos... velho thema
De amor — a eterna comédia —
E, afinal, compuz-lhe um poema
Que era a minha Encyclopedia.

Nos estylos mais diversos
Os mais variados descantes
Cantei. Descantei-a em versos
De rimas "mirabeaulantes".

Disse-lhe o quanto sentia:
Cantei-lhe os labios formosos

E os seus olhos de magia,
De brilhos "Marat...vilhosos".

Eu tinha a pobre cachóla
Aos mil trambolhões, porque ella
Jogava com a minhha "bola"
Como no jogo da péla.

Meu amor incandescente
Ella a acceitar não se humilha.
(Neste mundo toda a gente
Encontra a sua bastilha...)

Mas alguém disse-me um dia:
— Não gastes rimas em vão!
Se ella não vae com poesia
Experimenta o atracção.

Tomei o conselho amigo
Dei o atracção na muralha.
E, sem temor do perigo,
Travei a cruenta batalha.

E, afinal, (disto me ufano),
Na brecha da fortaleza
Entôa o amor soberano
O canto da Marselheza!

O fogo de um justo orgulho
Agora em meus olhos brilha!
Viva o quatorze de Julho!
Viva a queda da Bastilha!

BASTOS TIGRE

D. XIQUOTE

Potins...

Agarrado às saias

Madame é mulher chic, elegante, mundana. O marido, mais velho uns dezoito annos, acha uma graça enorme nas leviandades da esposa. O casal tem um filhinho, pirralho de dois annos, magrinho e chorão, como toda creança sem saúde. Por isso mesmo, o pequeno, dois passos d'aqui, dois d'alli, está choramingando junto a madame, como bezerro desmamado.

Um d'estes dias, em uma recepção do casal, estava a sala repleta de amigos, quando o pirralho entrou na sala, choramingando.

— Vae para dentro, Zezé! — gritou o pae, arreliado. — Esse menino passa dia e noite agarrado às saias da mãe!...

E logo um dos convidados, a outro:

— Coitadinho! Se é assim...

E perverso:

— Essa creança deve conhecer, já, todo o Rio de Janeiro!...

*

Remedio preto

Rico e pesado, aquelle antigo banqueiro de bicho penetrou no consultorio do conhecido especialista. Conta o seu mal, e o que tem feito, para cural-o.

— Tenho experimentado tudo, doutor. Até amores com uma preta, já tive, porque me disseram que era remedio certo!

O medico achou graça.

— Ah, meu amigo, — disse, — se isso fosse verdade, se preta fosse remedio para essas coisas...

E rindo:

— Não havia mais preta nas cosinhas do Rio de Janeiro: estaria tudo á venda, nas farmacias!...

*

A unica paixão

O illustre homem de cambio, cuja vida mundana foi um dos assumptos mais frequentes dos jornaes, só agora, depois que perdeu a fortuna nas especulações da Bolsa, descobriu que madame não é a creatura honesta que elle imaginára. Como ninguém teme mais o seu dinheiro, não ha

quem lhe não diga o que a mulher faz, e sempre fez. D'ahi a queixa do pobre diabo a um amigo:

— E' um horror! Imagina tu que minha mulher tem uma paixão só, mas uma paixão horrivel!

— Por um homem?

— Não, filho; peor!

E de dentes cerrados:

— Minha mulher tem loucura... por todos os homens!...

*

A mendiga

A noticia d'aquella separação, com a culpa exclusiva da rapariga, foi motivo para espanto. Ella era um typo de mulher nervosa, inquieta, apaixonada. Mas, elle não era, porventura, um verdadeiro typo de homem, com toda a violencia do temperamento?

Alguem observou isso ao conhecido conquistador; mas elle explicou o caso.

— Meu velho, — disse, — mulher é como mendigo.

E mais explicito:

— Você bota-lhe cem mil réis no chapéo, mas elle não vae para casa: continúa na esquina, o chapéo estendido, á espera de outro transeunte, que lhe dê um tostão...

*

Precaução

Madame tem a mania de suppôr que a sua voz é um encanto. O amante, um rijo rapagão endinheirado, é da sua opinião. O marido segue, porém, a opinião do resto da cidade, considerando-a o maior dos desastres.

De certo tempo a esta parte, notara a cantora que o esposo, mal se sentava ella ao piano para a lição ou para os ensaios, corria a debruchar-se á janella da rua, fumando um cigarro. Intrigada com o caso, interpellou-o:

— Fulano, porque, agora, isso: assim que eu começo a cantar, corres logo para a janella?

— Prevenção, filha, — explicou o marido.

E da janella:

— Quando tu cantas, eu quero que toda a gente me veja aqui: não quero, absolutamente, que a vizinhança supponha que eu te estou dando alguma surra!

OLHO DE VIDRO

Livros que devem ser lidos por todos

Catalogo de sellos do Brasil . . .	10\$000
Amor e casamento — pelo Dr. Vieira Filho — pensamentos, maxims e sugestões.	5\$000
A tentação (romance naturalista), um esplendido vol. br.	2\$000
A dança do coração — Sugestivo romance do grande Emilio Zola	2\$000
A marcha nupcial — Romance realista, 1 vol.	3\$000
No fundo do abismo — Impressionante livro de Jorge Ohnet. . .	5\$000
Entre o amor e a ternura.	6\$000
Ellas na intimidade — Amor e conveniencia, a philosophia e o amor	6\$000
As virgens — Vibrante novella de amor por Valeriano de Campos	3\$300
Os meus peccados — E' um livro de aspectos intimos de Souza Costa.	5\$000
Coisas da Vida — Contos.	4\$000
As carapuças — Quadras satiricas por Leão Martins	2\$000
O morto que mata — E' um livro de aventuras policiaes.	3\$000
Contos do Vigario — Contos humoristicos	2\$500
Elzira a morta virgem.	1\$500

Grande collecção de aventuras
de Emilio Salgari a 3\$000

Dramas da Escravidão	O Rei do Mar
Mysterios do Polo Norte	Os Tigres da Malaria
A Perola Vermelha	A Mulher do Pirata
Os Pescadores de Perolas	A Formosa Judia
As Filhas dos Pharaós	O Filtro dos Califas
A Filha do Sol	A Perola de Labuan
As Pantheras de Argel	Os Estranguladores

Os pedidos de fóra devem vir acompanhados de 600 réis mais e dirigidos á

CASA BRAZ LAURIA

Rua Gonçalves Dias 78

No prélo == Diccionario Medico Encyclopedico do Dr. Ricardo D'Elia



Sollemnemente por Frei Diabo

Núa completamente núa em minha frente,
A carne a palpitar nas ancias do desejo.
Teu sangue, que fervilha, aflora em cada beijo,
A cada beijo dado em tua carne quente.

Eu quero o seio teu beijar anciosamente,
Olhar-te e procurando aquillo que não vejo...
Assim, completamente núa, sem ter pejo,
Beijar-te como um louco, a êsmo, avidamente.

Sentir o frenesi da carne que palpita,
Tremendo em cada beijo ardente que crepita,
Na iper-sensação de um goso requintado.

Não tremas tanto assim, machucas-me apertando.
Agora estás tão hirta... assim me vaes matando...
Prendendo-me a cabeça... eu morro suffocado!

FREI DIABO

Temos necessidade de aconselhar



Attesto que tenho empregado em clinica o ELIXIR DE NOGUEIRA, formula do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, obtendo sempre os melhores resultados, nos casos em que o medico tem necessidade de aconselhar um bom depurativo.

Recife, 2 de Maio de 1917.

Dr. Arthur Gonçalves

A Saude da Mulher

As Senhoras têm, muitas vezes, a vida atormentada por males, cuja causa ignoram. São palpitações, vertigens, zoadas nos ouvidos, náuseas, falta de appetite, dores de cabeça, dores no corpo, depauperamento geral, desanimo. A origem d'estes sofrimentos, é quasi sempre o máo funcionamento dos órgãos femeninos. Urge, em taes casos, o emprego d'um medicamento energico, que actue directamente sobre os órgãos enfermos.

O REMEDIO QUE AS SENHORAS DEVEM PREFERIR

Não é difficil, porém, uma senhora escolher o remedio que mais lhe possa convir: — o numero copioso de pessoas curadas, a opinião de illustres medicos brasileiros proclamam que "A Saude da Mulher" é o melhor remedio para incommodos de senhoras porque, como nenhum outro, acalma e regularisa as funções uterinas.

OREATES
AQUAR.



Director: Conwelhoiro XX

ANNO V -- N. 231

RIO DE JANEIRO, 10 DE JULHO DE 1926

A "REPUBLICA"

Ao contrario do que succedia com a generalidade dos seus collegas, o professor Athanasio Gomes entregara-se ao magisterio por verdadeira vocação. Era um fanatico do alphabeto e da patria, e a idéa de tornal-a grande, prospera, amada dos seus filhos e respeitada pelo estrangeiro, dava-lhe forças para supportar as mais penosas incumbencias.

Foi, por isso, sem o menor protesto, antes com alegria de coração, que recebera a noticia da sua nomeação para professor primario em Guabiraba, modesto povoado sertanejo cuja população era, quasi toda, analphabeta. E alli estava elle, agora, a correr o mercado todas as manhãs, catechizando ora um pae, ora um parente, para mandar o seu filho á escola, receber o sacramento civico da instrução. O que encontrava por toda a parte era, comtudo, a má vontade, a recusa, a convicção de que a escola era um atraso porque prendia as creanças na hora, exactamente, em que ellas deviam estar no roçado ou no campo.

Acolhido assim, Athanasio não desfal-leceu: em vez de esperar os pequenitos na aula, onde elles não iam, resolveu ir, elle mesmo, aos roçados, ás pastagens, á ribanceira do rio, ministrar-lhes, em palestras singellas, as noções do alphabeto e do amor da patria. E alli estava elle, n'aquelle dia, no campo, á sombra do joazeiro, a inculcar no espirito obtuso do Geraldo, garoto de uns dezo annos, idéas de leitura e sentimentos de civismo.

Sentado numa pedra, enquanto o garoto se estirava no chão, a barriga na relva, ia Athanasio adoptando a sua formula.

— Olha, filho, — dizia-lhe, — não precisa nenhum esforço, para aprenderes. Decora esta frase: "Nossa Republica brasileira é a mais bella Patria do mundo!" Comprehendeste?

— Compreendi, sim, senhor.

— Então, repete.

— Nossa... nossa...

Era preciso paciencia. Athanasio recorreu ao seu methodo:

— Olha, vamos fazer uma cousa. Aquella cabra que estás vendo alli...

— A preta?

— Sim, a preta. Aquella cabra preta chama-se "Nossa"... Aquella malhada, "Republica"... A outra, branca, "Brasileira"... Aquelle cabrito chama-se "E"... Aquella novilha de cabra, "A"... A outra, "Mais"... A outra, a cinzenta, "Bella"... Aquella do chifre curto, "Patria"... Aquelle cabrito, "Do"... E aquelle bodete, "Mundo"... Decora isso. Vamos!

O esforço não foi pequeno, mas, ao fim de duas horas, o Geraldo já lia a frase toda, lendo-a nas cabras e cabritos. Athanasio, satisfeito, despediu-se:

— Bom! Então, até amanhã. Amanhã eu volto, para tomar a lição.

E não faltou. No dia seguinte, á hora certa, lá estava elle á sombra do joazeiro, sentado na pedra, ao lado do Geraldo, que se estirava na relva. Pelo campo em torno, as cabras que o menino pastoreava espalhavam-se, como pedras esparsas de um jogo desmanchado.

— Vamos ver; começa! — ordenou Athanasio.

O menino procurou com os olhos a cabra preta, e começou:

— "Nossa"... "brasileira"...

— Espera!... espera!... — impoz o educador. — E a "Republica"?

— A "Republica"... — estranhou, singelamente, o pirralho. — A "Republica" hoje não tem.

E com a mesma simplicidade:

— A "Republica" ficou no chiqueiro, com o hode!

CONSELHEIRO X. X.

A Aposta Perdida de Talisman Bandeira

Dona Brigida e o Nicoláo voltavam do theatro, e vinham discutindo. Um ao lado do outro, pela rua deserta, as suas palavras tomavam maior volume no silencio da noite.

— E' um Assombro o homem, Brigida! — affirmava o marido. — E' o campeão do mundo!

— Ora, campeão... campeão!... — retrucava a mulher. — Quem é, então, que não faz aquillo?

O espectáculo havia sido, na verdade, curioso e original. Campeão da capacidade intestinal, o artista russo Miguel Roboloff realizara milagres, na sua especialidade. Enfiado num calção de meia vermelho, tendo, atraz, em baixo, um buraco para escapamento do ar interior, arrebatara elle, com os numeros exhibidos, toda a platéa. Um dos mais sensacionais fôra, talvez, o da rolha. Collocando uma rolha no buraco da calça, e, a quatro metros de distancia, com o gargalo para o seu lado, uma garrafa desenvolvida, impellia elle a rolha, como nas espingardas de ar, indo, com ella, certo, arrolhar a garrafa. Pelo mesmo processo, isto é, utilizando apenas o ar interior, conseguira apagar uma vela, collocada a cinco metros de distancia, chegando, mesmo, não só a extinguir a chamma com o sôpro como a derrubar a stearina.

E era esse artista que determinava aquella discussão do Nicoláo e da mulher. Tinham vindo a discutir pelo caminho, e foi discutindo que entraram em casa, onde, para resolver o caso e vêr quem é que estava com a razão, o desgraçado propoz:

— Olhe, Brigida, vamos resolver esse caso: vamos decidil-o num campeonato.

E como a mulher parasse, no mudar da roupa, ao desamarrar o cordão da saia de baixo:

— Eu vou collocar alli no chão dois pratos com farinha de trigo: aquelle, de nós, que, pelo mesmo processo do Roboloff, soprar, de uma vez só, maior quantidade de farinha, ganhará a aposta. Está feito?

— Está feito! — concordou a mulher.

Collocados no chão os dois pratos com egual quantidade de farinha de trigo, o Nicoláo tomou posição e — fogo!

Examinado o prato, viu-se que faltavam nelle uns dois punhados de farinha, isto é, a metade desta.

— Agora, é você!

Dona Brigida, tomou posição, ageitou-se, e, por sua vez, — fogo!

Verificado o prato, constatou-se achar-se este totalmente vazio, e a farinha, soprada, espalhada por todo o soalho.

— Ah! não vale! — protestou o Nicoláo, fugindo á combinação. — Houve desigualdade de armas!

E a andar de um lado para outro, no meio da casa:

— Eu soprei com uma bocca só!...

Talisman Bandeira

"Estrellas" de penna



A bailarina Yvone, do Phenix, cuja actuação na revista "Victoria Regia" tem sido um dos successos daquelle theatro.

LARGO DO MACHADO



Instantaneo elegante, colhido num domingo, após a missa das onze.

DO "ALBUM DE CALIBAN"

BALLADA DO PAGEM LOUCO DE ANSELMO RIBAS

(COELHO NETTO)

— Eu vi a princeza núa! Eu vi a princeza núa! — cantarolava pelos campos o pagem, que enlouquecera.

Vendo-o, um camponio perguntou:

— Formoso pagem, se é verdade que viste a princeza núa, conta-me como é seu corpo.

— Ah! Imagina, camponio, que eu a vi núa, núa como o céu nos dias mais azues. Na cabeça nuvens de ouro, dois seraphins azues e luminosos perto da collina do aroma que desce escarpada até á porta do Paraíso, toda de coral e com uma muralha de perolas. Um caminho de purpura dá carinho aos beijos, tapete que ella estende ou então recolhe como uma ponte levadiça. Núa, carregava ao collo um mundo partido em duas partes com os dois pólos sangrando... Depois era um deserto branco que levava ao inferno — era um deserto que ondulava como os areaes ao

sópro do simun... Depois era o inferno com as suas chammas.

A entrada era numa sinistra garganta, augusta e abrasada, que duas grossas e immensas serpentes brancas guardavam, longamente estendidas, colleando. Eu, porque muito amava, fui condemnado ao inferno, posto que, por misericórdia, meus beijos fossem recebidos á porta do Paraíso.

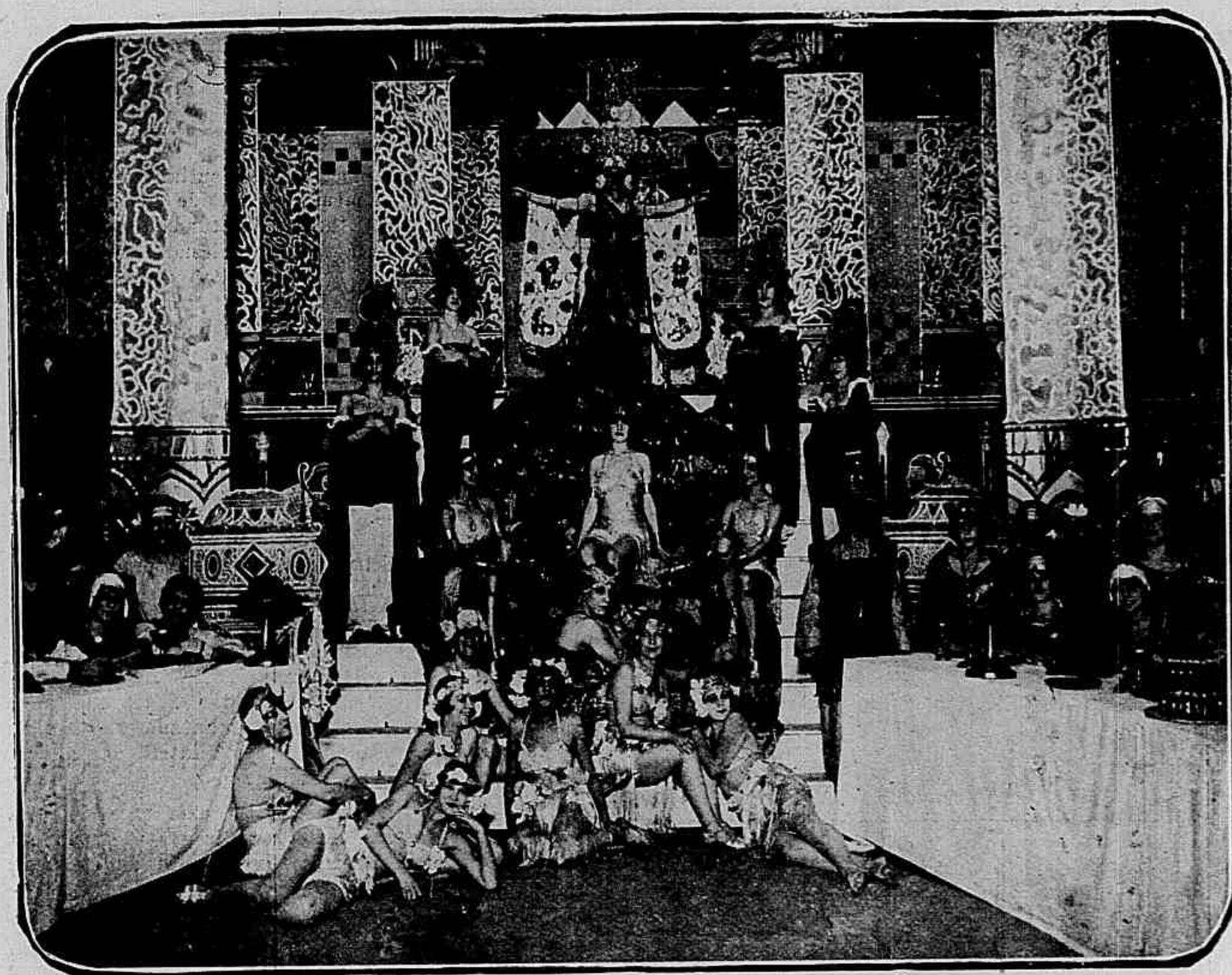
— Ah! Ser triturado pelas duas serpentes! Ah! musicas paradisiacas! ai! chammas infernaes! Foge de mim, foge de mim, camponio simples, eu sou como uma alma penitente evadida das chammas infernaes. Mas que delicia no céu e como é bom soffrer no inferno incandescente!... Eu vi a princeza núa!

E o pagem louco partiu, cantarolando:

— Eu vi a princeza núa!...

COELHO NETTO -- (Anselmo Ribas)

OS THEATROS DO RIO



Scena do festim, no 1.º acto da revista "Victoria Regia" que está sendo levada ainda com grande luxo no Theatro Phenix.

HISTORIAS MEUDAS

O Comêço POR FREI BERNARDO

Padre Donato acaba de chegar ao confessorio, e a Luisinha, que o espera, ajoelha-se diante da grade. E' uma creaturinha nova, mirradinha, engraçadinha, legitimo typo de melindrosa, mas d'essas que guardam, ainda, no fundo d'alma, o pudor das faltas commettidas.

Nervosa, agitada, as mãos finas, estaria naquelle momento branca, de cêra, se não estivesse pintada. Tal era, emfim, a sua emoção, que, no momento em que ella ajoelhou, padre Donato ouviu, no silencio da hora e do lugar, um ruido longo, demorado, de canhão disparado a distancia,

ao mesmo tempo que lhe subia ao nariz o cheiro nauseante da... polvora.

— Padre, — balbuciou a misera, a voz tremula, sem saber como iniciar a confissão; — padre, por onde devo eu começar?

— Por onde, filha? — fez o sacerdote, de dentro do confessorio. — Comêce por ahi mesmo... por ahi mesmo... Mas, olhe...

E com o seu bom-humor costumeiro:

— Quando você quizer acabar, a chave da latrina está lá dentro, na sacristia...

FREI BERNARDO

O THEATRO LIGEIRO, EM PARIS



Mlle. BALDINI, DO "MOULIN ROUGE"
(NA REVISTA "MIEUX QUE NUE")

O incredulo de LACTANCIO LOPES

Não obstante o espirito pratico dominante em nossos dias, o homem moderno deve fazer um esforço para impedir o scepticismo que se vae, pouco a pouco, apossando das gerações novas. E ao falar em scepticismo, é evidente que me não refiro apenas á falta de religião, mas, sobretudo, á falta de confiança no futuro da pátria, na palavra dos homens, na virtude das mulheres, nas juras das noivas, nas coisas, enfim, que nos dizem, que nos mostram, que nos rodeiam.

SOB O CHICOTE DO AMOR



ELLA — Ai! Ai! Ai! Soccorro! Este menino me mata! . . . Chamem um homem! . . . Chamem um homem! . . .

Se a credulidade faz martyres, a incredulidade possui, tambem, as suas victimas, como é prova a Exma. Sra. D. Adelaide Pires Coutinho, cujo marido constitue um dos casos mais curiosos dessa perigosissima enfermidade do seculo.

O Dr. Antonino Ribeiro Coutinho não é, propriamente, um homem que duvide de tudo. Descendendo de uma familia profundamente religiosa, na qual figuram seis ecclesiasticos, um dos quaes o seu digno pae, o saudoso conego Veridiano, o illustre engenheiro não podia ser, absolutamente um homem incredulo. Com a educação leiga recebida nas escolas do nosso paiz e da Inglaterra, ficou, porém, um pouco sceptico, circumstancia de que resultou um espirito cortado de incertezas, e incapaz, em tudo, de erer ou de duvidar.

— Eu — confessa elle, ás vezes, aos amigos, — não sou nem um sceptico, nem um credulo. Duvidando e acreditando, cheguei á seguinte conclusão: só acredito na metade do que me dizem, do que leio e, mesmo, do que me vejo. Foi o unico meio que encontrei, até hoje, para não me enganar.

Casado ha oito annos, o Dr. Antonino tem um lar perfeitamente feliz; tão feliz, que já o enriquecem seis pequenitos encantadores e fortes, os quaes são, pela belleza, pela intelligencia, pela saude, o encanto da familia.

Ha dias, encontrei-me em uma casa de amigos com esse casal interessantissimo, e, como era natural, e se conversasse a respeito de creanças, tive a idéa de perguntar, aos dois, quantos filhos tinham.

— Seis! — respondeu-me, risonha e desvanecida, Dona Adelaide.

O seu sorriso não devia, porém, durar muito, porque o marido corrigiu, logo, a sua informação: —

— Filhos? Temos tres.

— Tres ou seis? — indaguei, olhando ora um, ora outro.

— Seis! — insistiu Dona Adelaide, vermelha.

— Tres! — terminou o engenheiro sereno.

E ante o meu espanto, explicando-se:

— Ella diz que eu tenho seis filhos. Mas, você sabe, eu só acredito na metade daquillo que me dizem.

— De modo que... — aventurei, arregalando os olhos:

E o Dr. Antonino, calmo, frio, impassivel:

— E' isso mesmo. Ella me diz que eu tenho seis filhos; mas eu só acredito que meus, meus mesmos, sejam, apenas tres! E' do meu programma.

E atirou fóra a metade do charuto, suppondo, ou querendo suppor, que já estivesse no fim.

LACTANCIO LOPES

Humoristas Italianos

O Martyrio de Frei Vittoriano de PAOLO SAVIOLI

Aquella retirada de frei Vittoriano de Murcia do Mosteiro de San Genaro para aquella perigosa missão no Oriente, havia enchido de tristeza e, não menos, de preocupação a cidadesi-nha siciliana de Scielanuova. E mais preocupa-da do que ninguém, ficara a Vicência, creada gra-ve do capitão Orsini, irmão do virtuoso franciscano, a qual, conhecendo o genio arrebatado do religioso e, o que era peor, o seu despejo de sa-crifício pela causa de Deus, previu, desde logo, os riscos que elle ia correr no meio dos infieis.

E as suas previsões haviam, desgraçadamen-te, se realizado. Companheiro de missão do valo-roso pregador, frei Sizinio, que embarcara com elle, acabava de regressar sosinho. O outro, mestre e amigo, lá havia ficado em terras extra-nhas, não se sabendo mesmo o seu destino e nem, sequer, se já se achava recolhido, pela morte, aos braços de Deus, pela gloria do qual tão vigorosa-mente se batera na vida. Ao desembarcar em Syracuse, o primeiro cuidado de frei Sizinio foi, pois, correr a Scielanuova, á residencia do capi-tão Orsini, e contar-lhe, compungido, o destino do seu irmão.

— Padeceu como um santo, sr. capitão, e lu-ctou como um heroe! — contava o sobrevivente. E narrava:

— Ao chegar á Syria, desembarcamos em Hai-fa, e, como o nosso destino era Trebiz, na fron-teira da Persia, tomamos o caminho de ferro até Mossul, seguindo d'ahi, em caravana, para Van. Em caminho soubemos, porém, que os nossos ir-mãos do mosteiro de Santo Aleixo, á margem do lago Urmia, haviam sido trueidados. Com o ge-nio que o senhor bem conhece, frei Vittoriano re-solveu immediatamente mudar de rumo, e ir em soccorro de algum missionario nosso, que talvez estivesse prisioneiro. Ao atravessarmos, entretan-to, a região montanhosa, os famosos montes do Kurdistan, fomos assaltados por uma quadrilha de kurdos, os quaes nos prenderam, e á nossa co-mitiva. Corajoso como era, frei Vittoriano não se quiz entregar. Puxou a pistola que trazia na cintura, por debaixo do habito, e fez fogo. Aca-bada a carga da arma, atirou-a fóra, e, arrancan-do um punhal, fez uma verdadeira devastação nos bandidos. Estes eram, todavia, mais de oitenta. Recuando diante d'elles, a brandir a arma, o nos-so querido Vittoriano tropeçou, e cahiu, sendo en-tão agarrado, desarmado, e, em seguida, amarrado.

— E mataram-n'o logo? — indagou, commo-vido, o capitão Orsini.

— Não, senhor. Os kurdos têm a superstição guerreira de que a morte é um premio, e, por isso, poupam os seus prisioneiros, preferindo mar-tyrizal-os. O que elles fizeram com frei Vittoria-no foi, por isso, peor que a morte.

— Que foi? Conte! Por favor! — pediu o ca-pitão.

— O que elles fizeram com frei Vittoriano — reatou o religioso, — foi horrivel. Como ha, hoje, no Kurdistan, falta de gente para a guar-da dos serralhos, elles amollaram uma faca, des-piram o meu pobre companheiro, e, á minha vista, alli mesmo...

E acabava de fazer um gesto expressivo, quando, por essa altura, o reposteiro do gabinete.

PE' DE VELHO



— Não entra, filha!

— Entra, sim. Endureça, que entra!

que vinha estremeendo á medida que a conver-sa avançava, entreabriu-se, dando passagem á Vi-cência.

— Nossa Senhora!... — fez a rapariga, ner-vosa. — Pobre frei Vittoriano! Mas, frei Sizi-nio, meu santo...

E horrorizada, numa informação:

— Como foi que elles serraram o osso?

PAOLO

SAVIOLI

O serviço do primo pagina do ALMIRANTE JUSTINO RIBAS

I

Ao contrario do que succede com a mocidade d'estes tempos corrompidos, o Adolphinho conservara-se puro até aquella idade de dezoito annos. Filho unico, creado pela mãe com o recato e o cuidado de quem cria uma moça, jamais andara ás soltas pelas ruas da cidadesinha. Os rapazes da sua geração zombavam, riam da sua innocencia. Chamavam-n'o, mesmo, por pilheria, a "Adolphinha". Elle, entretanto, limitava-se a corar, e a conservar integra a sua pureza, reservando-a, como brinde de nupcias, para a mulher que lhe coubesse por esposa.

Aos dezenove annos o Adolphinho era, ainda, o mesmo. E foi nessa idade que Dona Maria Antonia, a mãe, o chamou, dizendo-lhe, com aquella doçura que só as mães possuem quando falam aos filhos:

— Olha, Phipinho, tu chegaste, já, á idade de constituir familia. Estás um homem e precisas conhecer os grandes prazeres da vida. Vaes, portanto, casar, e eu já te escolhi a noiva.

— Oh, mamãe!... — fez o rapaz, ficando todo vermelho.

— Já escolhi a noiva, — continuou Dona Maria Antonia, — e o casamento será breve. Ouviste?

— Sim, senhora, mamãe, — concordou, passivamente, o rapagão.

E de repente:

— E quem é a noiva, mamãesinha?

— A noiva? E' a melhor que poderíamos encontrar. E' a Odette, filha do compadre Maximiano.

— Ahn!... — fez o Adolphinho, com todo o sangue a se lhe precipitar para o rosto.

II

O casamento do filho de Dona Maria Antonia com a filha do coronel Maximiano foi um dos acontecimentos mais importantes de Maracucuera, a graciosa cidadesinha sertaneja. Em homenagem aos noivos morreram duzias de gallinhas, de patos, de perús. Mettido no seu terno novo, de casemira nacional, o Adolphinho estava bonito, apesar de encabulado. O alvo de todos os olhos, comtudo, era a Odette, soberbo typo de morena, com o seu rosto alegre e largo, a mostrar a toda a gente os seus dentes fortes, de quem foi creada com leite de cabra.

A' noite, á medida que se approximava a hora de despedir os convidados, ia o rapaz ficando mais nervoso, mais preocupado. E essa preocupação contrastava exactamente com a alegria da Odette, que se mostrava cada vez mais radiante, como se os ponteiros do relógio lhe fossem avançando, tambem, pelas fibras hilariantes do coração.

Até que, á meia noite, todos se recolheram. E como se fala em todos, fechemos a porta dos noivos, e ponhamos, não os olhos, porque o quarto está escuro, mas o ouvido na fechadura.

— Dettinha, — diz o Adolphinho, a voz sensivelmente tremula, — tu vaes ter uma surpresa, que eu te guardei. Posso dizer?

— Que é? — indaga, apressada, a rapariga.

— E' que eu, como talvez tu não saibas, não sou como esses rapazes que andam por ahí...

— Tu és aleijado? — pergunta a moça, num susto.

— Não, não sou, não. Eu não sou como elles, porque não sou um immoral, um devasso; eu guardei para ti, para minha noiva, a minha virgindade!

— Ora!... — faz a moça, no escuro.

E estendendo-lhe os braços:

— Vem cá!

Como a orelha do leitor já deve estar ardendo, de tanto apertar o ouvido de encontro á fechadura, afastemo-nos um instante. Ha momentos na vida das alcovas em que as testemunhas precisam tomar um pouco de ar.

III

Voltemos outra vez. E ouçamos.

— Então, Dettinha, — explica o Adolphinho, a voz cansada, — eu não te disse que eu era puro? Eu nunca me havia approximado de outra mulher!

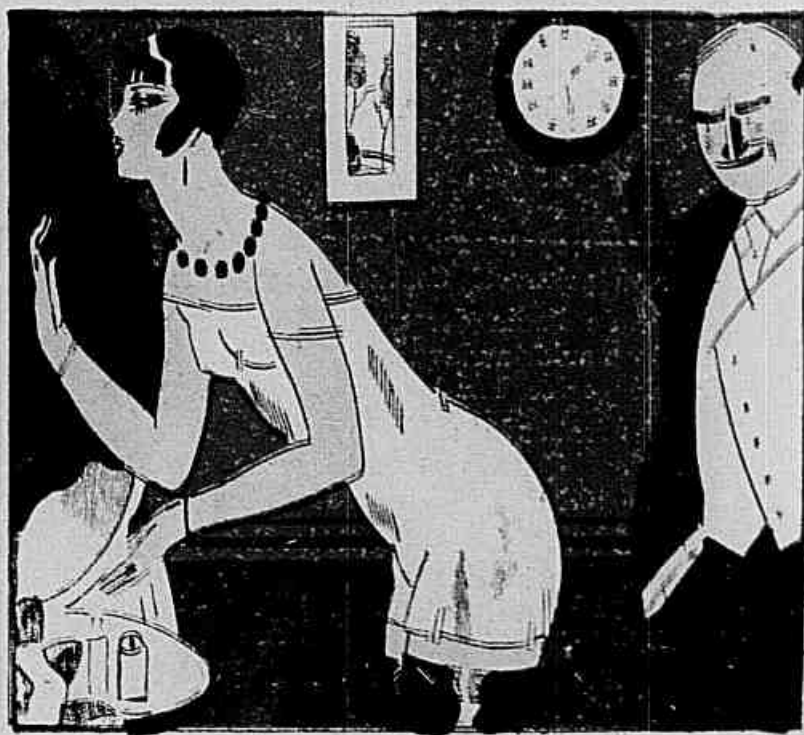
— Eu notei isso, Phipinho, — concorda a noiva.

E numa irreflexão:

— E eu nem sei, meu filho, como nós havíamos de nos arranjar hoje, se o meu primo Cati-diano não me tivesse ensinado!...

**ALMIRANTE
JUSTINO
RIBAS**

INDISCREÇÕES DA MODA



— Eu já tinha visto que o teu cabello estava cahindo.

— Quando viste?

— Quando ias cruzando a perna no bonde!

ANECDOTAS PARISIENSES de Jean de Beauvais

A resposta do cardeal

O cardeal de Rohan, famoso pelo seu fausto, pelas suas aventuras galantes e pelos escandalos ruidosos em que esteve envolvido, estava, certo dia, na sala de uma das suas antigas amantes, senhora de alta sociedade, quando, em certo momento, travou uma discussão com a dona da casa.

— Não continue! — impoz-lhe esta. — Não repita a insolencia, porque, se repetir, eu o mando atirar pela janella!

— Ora, grande coisa!... — fez o cardeal, rindo.

E com ironia:

— Que mal faz que eu saia uma vez de dia por onde eu tantas vezes entrei de noite?

*

Versatilidade

O marquez de Larrive era de uma versatilidade incorrigivel. A's vezes, no correr de uma conversa, mudava de opinião, passando a atacar aquillo que defendera no principio.

Um dia em que elle discutia com Boisrobert, este o interrompeu, de repente:

— Men velho, quando você morrer, não conte commigo no seu enterro.

— Por que?

E Boisrobert:

— Ora, porque?! E' que você é tão variavel no que pensa e dezeja, que, no caminho para o Père Lachaise, é capaz de mudar de rumo e ir para outro cemiterio!...

*

O touro e o "maire"

Em villegiatura no campo, um parisiense nota que o camponez que lhe serve de guia, ao passar

pelo "maire" da communa, finge que o não vê, e que, ao contrario, ao encontrar na campina o touro da malhada, logo se apressa em tirar o chapéo.

— Que é isso? — indaga o parisiense. — Você passa pelo "maire", e não fala; passa pelo touro, e cumprimenta!

— E' natural, moço, — informa o camponio. — Esse touro que o senhor vê ahi, fez um bezerro na vacca lá de casa, e nós ganhamos 1.200 francos; e o senhor "maire" fez um filho na minha irmã...

— ?...

— E até agora só tem nos dado despeza!...

*

O ex-voto

O Theodorico é um d'aquelles martyres que, ao casar, recebeu, além da mulher, o castigo de sustentar toda a familia d'esta, até a quarta geração. Dia não ha em que lhe não chegue da provincia ou dos arredores um primo, um tio, ou uma sobrinha da esposa, que lá se aboleta por semanas e meses, transformando a sua casa em hotel.

Um dia, ao penetrar na egreja, vê o Theodorico, na capella dos milagres, um rato de cêra pendurado pela cauda. Indaga a significação d'aquelle voto, e explicam-lhe que, tendo havido na região uma praga de ratos, que tudo devoravam, haviam os camponezes feito aquella promessa, tendo os ratos desaparecido.

— Hom'essa! — fez o rapaz, num repente.

E encantado:

— Se eu soubesse disso ha mais tempo, já teria trazido aqui um parente de minha mulher, para pendurar pelo rabo!...

*

As perfidias do somno

O sr. bispo havia tido noticia de que padre Guilbert, cura de Chateau-Riche, dormia na mesma cama com a sua creada, e resolveu ir em pessoa apurar o escandalo. Chegou de repente á localidade, e, como fosse noite e só houvesse um leito no presbyterio, o sr. bispo teve que dormir no mesmo leito com padre Guilbert, o qual, sciente do motivo da visita, jurou, por todos os santos, que tudo aquillo era infamia e calunnia.

Dormiram os dois, na maior santidade. Por volta, porém, das quatro horas da manhã, o bispo accôrda, com as grandes palmas batidas no portão. Como não é, entretanto, dono da casa, nem se mexe.

De repente, porém, sente uma vigorosa palmada nas nadegas. E' padre Guilbert, que, meio adormecido, lhe ordena:

— Rosalia!... O' Rosalia!... O leiteiro está batendo...

E virou-se para o outro lado, num roneo.

*

Tactica de marido

— Sabes, filha, creio que teu marido já sabe da nossa ligação.

— Por que desconfias?

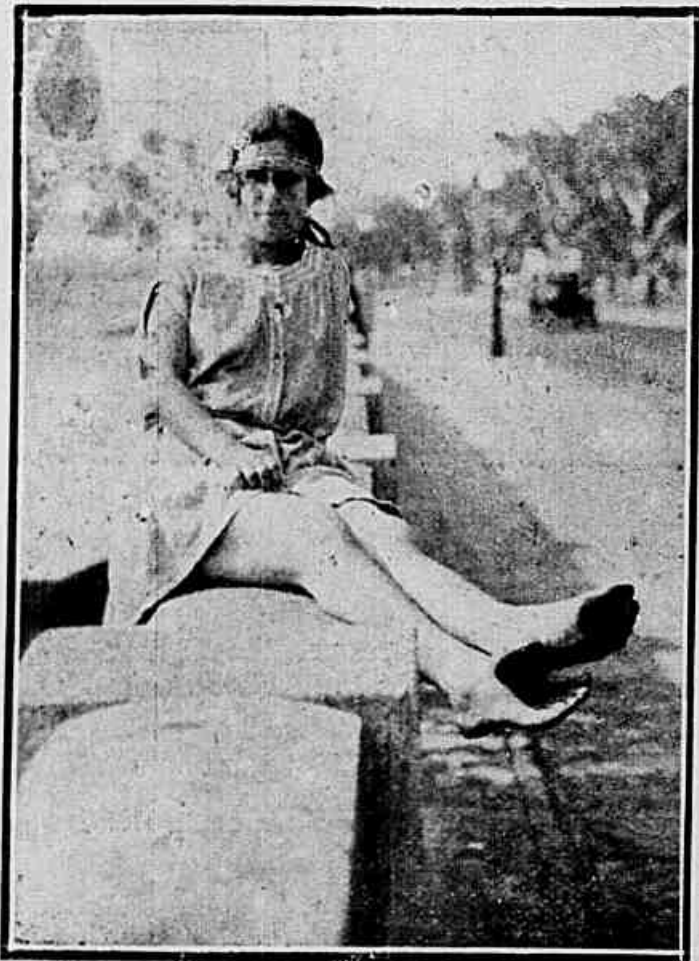
— Porque hontem elle procurou-me, pedindo-me emprestado quatro contos de réis.

— E tu lh'os emprestaste?

— Emprestei.

— Então, podemos ficar desenganados que, este mez, elle não desconfiará mais de nada, meu amor!

Caes do Flamengo



Aquecendo-se ao sol...

JEAN DE BEAUVAIS

A sorte grande DE GASTÃO PENALVA

estava peor que todos. Só dei por mim no dia seguinte, já sol quente, estirado num girau do xadrez do districto. Que pesadelo, seu tenente! Olhei para a minha roupa: era só sangue. Sangue pela cara, pelas mãos, por toda a parte. Meu Deus! Que me teria acontecido? Apalpei os bolsos: faltava-me tudo — o dinheiro, os cigarros, a navalha. Ah! a navalha. Comecei então a pensar nella como quem pensa numa amante traíçoira. Teria eu matado alguém? — perguntei a mim mesmo, num soluço, em voz alta.

— Mataste, bandido — respondeu um policia da guarda que vinha abrir o xadrez, com um pote d'agua na mão. Mataste uma mulher.

— Que mulher, meu camarada? — indaguei, quasi louco.

— A Ignacia Borboleta. E quasi matas tambem um soldado naval que lá se foi ferido, na ambulancia.

— Minha Nossa Senhora! — berrei, afflieto. Matei a pobre da Ignacinha. E porque, seu policia?

— Sei lá. Si você não sabe... Ciumes.

Ciumes sim, seu tenente. Eu tinha um ciu-me doido daquella desgraçada. Mas nunca pen-

sei em matar ninguem por causa della, quanto mais a ella, á Ignacinha, essa cabrocha que me trazia o coração a ferros, e muita vez me fez até fugir de bordo. Só mesmo bebado, seu tenente. E quasi mato um naval. Quem era elle? Soube depois: o Chieo Sergipano, que outra vez já tinha sentido o peso desta mão por causa de outra "zinha", a Philomena. Estava jurado. Quasi embarca tambem.

Ora ahi está, seu tehenete, de que vale a sorte grande; de que vale o dinheiro.

E enxugando uma lagrima que lhe escorria pela face bronzeada de marujo, o André pediu licença, e continuou a capinar as hervas da calçada.

— E gastaste tudo, André?

— Não senhor. Felizmente ainda tive um pouco de juizo. Mandeí cem mil réis á minha mãe, uma pobre velhinha que vive lá para o sertão de Ieó, e nunca mais soube de mim.

— Então, dos vinte contos, mandaste apenas cem mil réis á velha?

— E' verdade, seu tenente. Antes mandasse tudo, e mais alguma coisa. Só assim não teria matado a Ignacia, nem ferido o naval, nem comprado esta argola de papagaio que vae me enfeitar o pé por trinta annos.

GASTÃO

PENALVA

O GRANDE JOGO DE DOMINGO



"Team" do Fluminense F. C., que se bateu com o São Christovão em um encontro sensacional, e que foi batido pelo score de 4x2

A GRANDE PUGNA DE DOMINGO



"Team" do São Christovão, vencedor do Fluminense no grande jogo de domingo ultimo, e cuja victoria, por 4x2, o collocou em primeiro lugar na tabella dos clubs da 1.ª divisão.

A sorte grande DE GASTÃO PENALVA

— O' rapaz tu não és o André de Paula, que foi ordenança do almirante Campello, no "República"?

— Sim senhor, seu tenente.

— E como andas agora nesse estado, com uma argola no pé, e a camiseta dos sentenciados?

— Cousas da vida, seu tenente. Por causa da sorte grande. Enquanto eu era pobre, tinha juízo, era feliz. Um dia tirei vinte contos na loteria: gastei tudo, gastei mal. Agora V. S. está vendo o resultado.

— Será possível? Conta lá isso, homem.

André de Paula descangou a enxada com que desde pela manhã andava a capinar tiririca, numa fachina de correccionaes, e começou:

— Um sabbado sahi de bordo. Era licença de dois dias. Quando passei á porta do Arsenal, um garoto bilheteiro correu atraz de mim, supplicando:

— "Seu marinheiro, pelo amor de Deus, compre-me este bilhete. Minha mãe está muito mal, e não tenho dinheiro para buscar o remedio. Por favor, fique com este bilhete inteiro."

Eu estava bem. Tinha recebido soldo. V. S. sabe que dinheiro no bolso de marujo faz comi-

chão para sahir. Comprei o bilhete. Tres dias depois, a sorte grande. Estava eu com vinte contos. Uma fortuna para quem não tem nada.

Quando a negrada soube do caso, nunca vi tanto amigo. Era André para cá, Andrézinho para lá, e eu a dar, a emprestar, aos dez, aos vinte, aos cinquenta. Tinha tanto, seu tenente!

Depois, resolvi gastar o resto commigo. Di, vidas deixei para mais tarde. Havia de sobrar, A bahiana do angú e a Joaquina lavadeira que esperassem. De noite corri para a zona. Meus companheiros já sabiam da cousa. Um successo. O mulherio me cercava como si tudo aquillo fosse minha familia. Nunca vi tanta mulher para um homem só. Dinheiro, seu tenente... Eu era um pachá. Todas ellas queriam presentes, joias, vestidos de seda, vidros de cheiro. Caras que nunca conheci vinham-me cobrar contas atrazadas, protestando, a chorar. Si algum dia fiquei devendo a mulher, seu tenente!

Depois, cabeça fraca. Nunca bebi. Mas o homem que tira vinte contos quer fazer tudo. Veiu bebida de pagode. Paguei vinho e cerveja a noite inteira. Uma farra. Todo o mundo bebeu á minha custa. No fim da noite não vi mais em que estado ficou aquella gente, porque eu

O Cupido velha historia de GIOVANNI MORELLI

Orphã de pai e mãe aos sete mezes de vida, a Elisinha tivera a sorte de ser recolhida, em nome da caridade christã, pela Associação Beneficente das Damas Honestas, a que a sociedade e a religião já deviam serviços tão numerosos e as signalados.

Destinada ao amparo de creanças abandonadas, a Associação Beneficente, ou antes, a A. B. D. H. possuía a vantagem de ser dirigida por senhoras de uma virtude intransigente, votadas unicamente á sua piedosissima commissão. Ao consagrar-se a esse instituto, a dama de sociedade abdicava de tudo. As portas do mundo fechavam-se nas suas costas, não podendo sahir do estabelecimento senão em conjuncto. Esse processo contribuía para que ellas, mais puras, formassem espiritos mais puros, mais perfectos, constituindo, assim, a entrada para o gremio, uma especie de noviciado. Por isso mesmo, as que a isso se dedicavam, eram, em geral, noivas desilludidas, viúvas desenganadas, senhoras casadas sem esperança no marido. Era, emfim, uma especie de ordem religiosa, independente da religião.

De accordo com o seu programma, a A. B. D. H. não admittia, jamais, a interferencia de homens, nos negocios do instituto. Não tinha directores masculinos, cosinheiros masculinos, auxiliares masculinos. De homem, o unico que passava além das grades do estabelecimento, e isto pela condição do seu serviço, era "seu" Manoel, um

portuguezão bigodudo e vigoroso, que se encarregava de molhar e conservar o jardim. Esse mesmo morava no fundo da chacara, sosinho, como um bicho na sua furna.

Foi ahi, nessa instituição de caridade, que a Elisinha cresceu, e se fez mocinha. Ahi aprendeu ella o que uma menina pura deve aprender, e, em particular, a pintura, para a qual possuía assombrosa vocação. E foi ahi que deu inicio ao seu quadro de "Diana e Cupido", com o qual devia contribuir, no fim do anno, para a exposição de trabalhos do pio estabelecimento.

A figura de Diana, fizera-a ella com uma habilidade assombrosa. O seu proprio corpo, visto ao espelho, dera-lhe a noção da plastica feminina. Ao iniciar, porém, o Cupido, estacou, em certa parte.

— Mas, — pensou — os homens serão eguaes ás mulheres?

Deteve-se, indecisa. Uma voz intima, interior, dizia-lhe, instinctivamente, que não podia ser. Na duvida, procurou uma das professoras, a piedosa D. Arminda, e pediu-lhe que a tirasse d'aquella difficuldade.

— Ah, minha filha! — gemeu a educadora, abraçando a menina, — eu não te posso dizer, nem ninguem te dirá, neste estabelecimento! Em nome da tua pureza, da tua virtude, é preciso que tu ignores eternamente, o que é essa differença!

As professoras a que recorreu, uma a uma disseram-lhe o mesmo. E foi para não perder o seu quadro, o seu lindo quadro de "Diana e Cupido", que a Elisinha resolveu appellar, um dia, em ultimo recurso, para "seu" Manoel. Escapoliu, uma tarde, do recreio, e indo ter á palhoça do jardineiro, pediu-lhe, em nome de tudo, que lhe desse a explicação dezejada.

— Ah, minha m'nina, isso não! — protestou o Manoel, scandalisado.

Taes foram, porém, os pedidos, os rogos, as supplicas, as lagrimas da pobre educanda, que o portuguez, compadecido, resolveu deixar-lhe ver, não como menina, mas como artista, o que era a differença.

Passaram-se os dias, as semanas. Chegou a vespera da exposição. Reunidas, as professoras e as directoras, sentadas em torno á grande mesa da congregação, iam recebendo os trabalhos, destinados ao certamen. Vieram almofadas, bordados, desenhos, trabalhos de costura. De repente, chega a vez de Elisinha. A menina entra, e chegando á cabeceira da mesa, expõe o seu quadro.

— Ohhh!... — é a exclamação que se ouve, de ponta a ponta, na mesa enorme.

E todas, a uma voz, numa unanime reprobção daquelle escandalo:

— E' "seu" Manoel!?

PEDIDO INNOCENTE

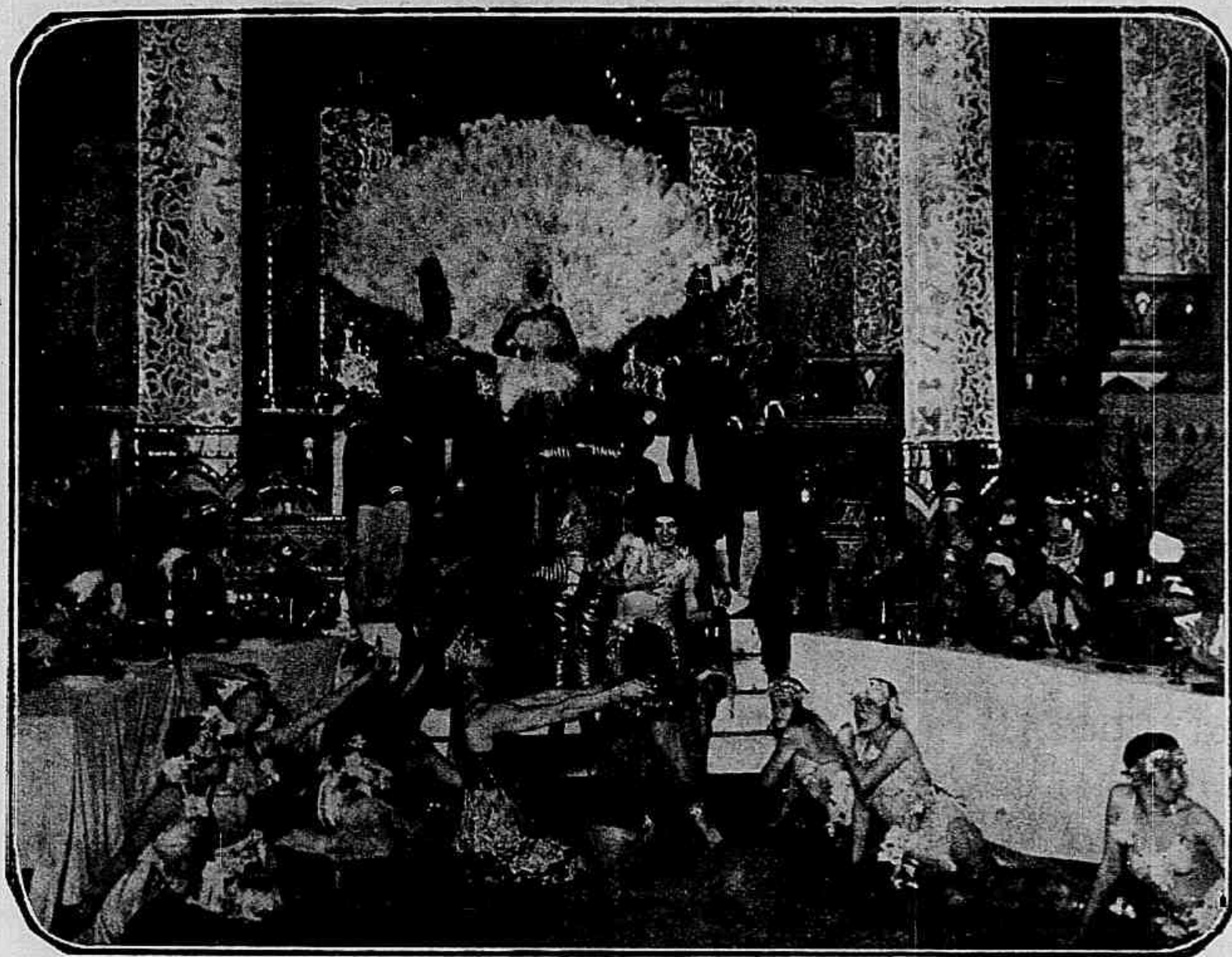


— Queres dar-me um anel de cabello, Heloisa?
— P'ra que dedo?

GIOVANNI

MORELLI

OS THEATROS DO RIO



Scena do bailado de Salomé, da peça "Victoria Regia", ricamente montada pelo Phenix.

||||| e |||||

A Formula Nova POR JOÃO FORTUNATO

Desde a morte do marido, dois annos antes, Dona Bellita não gosara mais saúde. Estivera em Petropolis, em Caxambú, no Araxá, e nada de melhora.

— E' estomago! — dizia-lhe um medico.

— E' figado! — assegurava-lhe outro.

— E' coração! — garantia um terceiro.

E outro:

— E' intestino!

A opinião do Dr. Brandão Rodrigues, o conceituado professor da Faculdade, não a divulgaram, nem a cliente, nem o medico. Eram ambos discretos, e, ao receber das mãos do especialista a receita que este acabava de escrever, o primeiro cuidado da desolada senhora foi descer as escadas do consultorio e, na primeira pharmacia, apresentar ao empregado o papelucho em que o eminente facultativo lhe receitava um vidro de qualquer preparado, cujo nome, como o de todos

os preparados pharmaceuticos, ella não comprehendera bem.

O pharmaceutico passou os olhos pelo recipe, e, sem sorrir, indagou, a phisionomia expressiva:

— Minha senhora, nós temos isso de duas qualidades: nacional e estrangeiro. Qual a senhora prefere?

— Como é o estrangeiro?

— O estrangeiro, é portuguez. E' um vidro assim, pequeno, mas grôso. E' mais caro.

— E o brasileiro?

— O preparado brasileiro é um vidro fino, mas comprido. E' mais barato.

Dona Bellita fechou os olhos, como quem consulta a capacidade da bolsa. E, ao abril-os:

— Cavalheiro, o senhor não podia arranjar-me uma formula nova, isto é, um preparado...

E corajosa:

— Luso-brasileiro?

JOÃO FORTUNATO

PAGINAS ESQUECIDAS

(1882)

DOIS SONETOS

DE

LUIS DELPHINO

O SATIRICO

Sertanejas

Pelo sapé furado da palhoça
 Milhões de astros agarram-se, luzindo;
 O pae ha muito — madrugou na rôça:
 A mãe prepara o almoço. — O dia é l'ndo.

Canta a cigarra; o porco cheira; engróssa
 O fumo dos tições; — anda zunindo
 A' porta um mar'bondo; e fazem troça
 As creanças com um ramo o perseguindo.

Correm, chilram, vozeiam, tropeçando
 Num velho pote; — a mãe zangada ralha,
 A avó lhes lança o olhar inquieto e brando.

No chão um gallo ajunta o milho e espalha,
 Enquanto a um canto, as plumas arrufando,
 Põe a gallinha no jacá de palha.



O LYRICO

Only

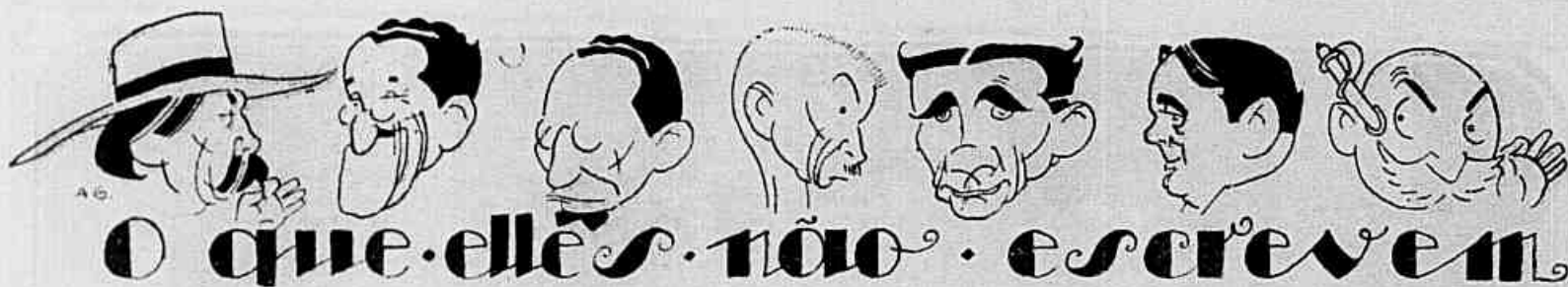
Seu leito lindo: a cama alva e faceira,
 Branca de espuma, fresca como um rio,
 Tendo por cima o eterno murmúrio
 D'uma alma de mulher bella e solteira.

Junto á sua ottomana, uma cadeira:
 Cortinas leves de alvejante fio,
 Livros aqui e alli, — e o calafrio
 Do silencio na sua cabeceira.

Em duas jarras, rosas bem cuidadas.
 Ridentes, fulvas, lucidas, molhadas...
 A mobilia riquíssima e singela...

Um cheiro de mulher cobrindo tudo...
 E eu sosinho, inquieto, afflicto, mudo,
 Loucamente abraçando a sombra d'ella!

LUIS DELPHINO



LEI DE PHYSICA

O venerando academico d'aquelles que já vão longe na casa dos setenta, foi, ha pouco, a um salão em que se dançava. Era no casamento de uma das suas alumnas, e o baile roncou forte, das onze horas em diante. Pares abraçados, esfregavam o busto no busto, a perna na perna, na furia das danças modernas. E no fim, indiferença absoluta entre homens e mulheres.

— Sim, senhor! — fez o velho educador. — E' a primeira vez que vejo a negação de uma lei de physica.

E desolado:

— Tanta fricção, e nada de fogo!...

★ ★ ★

OS FALLIDOS

A' porta da Garnier ha sempre um grupo de literatos da velha geração, alguns dos quaes são, pela fallencia do que produziram, simples homens de letras honorarios. Um d'elles, principalmente, não faz outra cousa se não queixar-se da sua propria imprevidencia, ao deixar de escrever.

— Coitado ? é um infeliz ! — commentava ha dias Alberto de Oliveira.

E compadecido:

— Perde um tempo enorme a chorar o tempo perdido !...

★ ★ ★

BUROCRACIA LITERARIA

O velho escriptor pertence áquella classe que se costuma chamar de "Guarda Nacional" da literatura. Escreveu livros e livros, e ficou na quasi obscuridade. O destino foi-lhe ingrato sem que, com isso, tivesse elle capitulado.

Ha dias, em' uma roda na Leite Ribeiro, dizia elle haver feito vida de letras durante trinta annos e que havia de ir aos cincoenta.

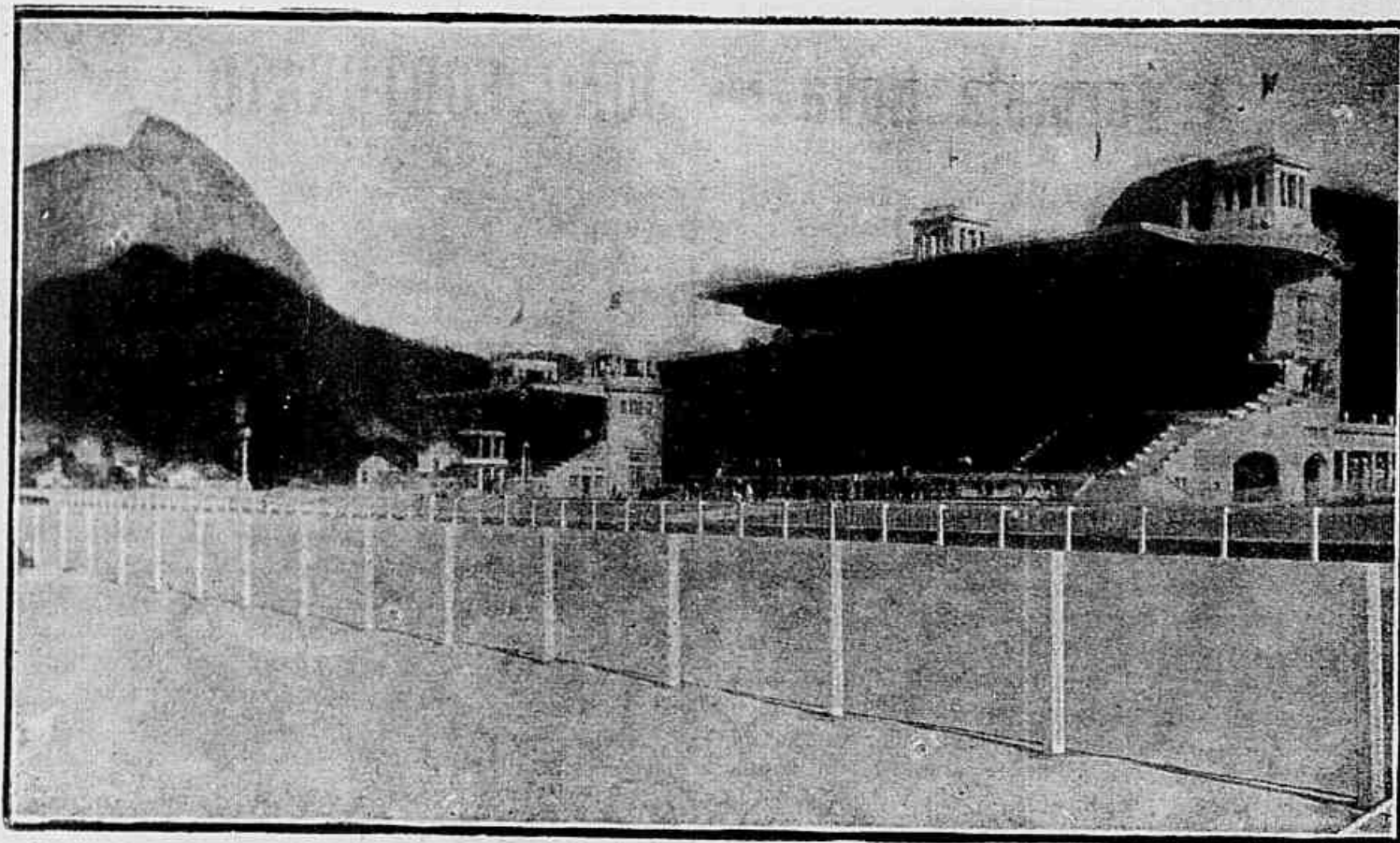
— Pois, você faz mal, — aparteon Rocha Pombo. — Eu, no seu caso, aproveitava a lei em vigor, allegava os trinta annos de serviço á literatura...

— E então ?

— Requeria aposentadoria!

O L H O D E V I D R O

O NOVO PRADO DO JOCKEY



Um dos aspectos do novo e grande prado do Jockey Club, o maior da America do Sul, cuja 1.ª corrida será amanhã. Obra colossal e magnifica, o novo prado honra não só o Jockey como todo o Brasil

PAGINAS ESQUECIDAS

(1897)

Falta de espaço POR PEDRO RABELLO

(PIERROT)

Era o Placido marido
Da Beatriz... Que pequena!
Alta, moça, esbelta, amena,
Um bello corpo nutrido.

Mas... (perdõe a gente séria...)
Não era seria a Beatriz,
Nunca torcêra o nariz,
A um galanteio, um léria...

Gostava de que um sujeito
Lhe segredasse, na rua,
Que a menor bocca era a sua,
Que tinha collo bem feito...

Vivia o Placido tonto,
Foi então, que p'ra acabar
Com tão continuo pezar
Pôz áquella vida ponto
—“Não sae mais!” disse zangado...

Passam-se dias e vem
Ella: — “Me deixa, meu bem?
Eu quero ir ao Corcovado...”

—“Não fassas isso! não vás!”
Grita o Placido, depressa...

“Eu já não tenho cabeça
P'ra os... desgostos que me dás!

(PIERROT)

(PEDRO RABELLO)

O Belisario DE GUIMARÃES PASSOS

(PUFF)

O Bel'sario Menéres,
Homem dos mais sacudidos,
Era o encanto das mulheres,
Era o terror dos maridos.

Uma primavera eterna
Fulgia na sua face,
Ninguém lhe passava a perna,
Andava como uma alface.

Que frescura! Que frescura!
Quem viu bigodes tão bellos?
No rosto era só pintura
Só pintura nos cabellos.

Foi namorado de Laura,
Da Dandoca, da Marilia,
Da Ernest'na, da Izaura,
Da Corina, da Cecilia...

Tivera tres mil amantes
Perdera o rol das conquistas,
Todas ellas importantes,
Fôra o maior dos artistas.

Mas eil-o um dia (que dia!)
A sorte agora o não poupa,
E um marida, Ave Maria!
Fal-o entrar n'um guarda-roupa.

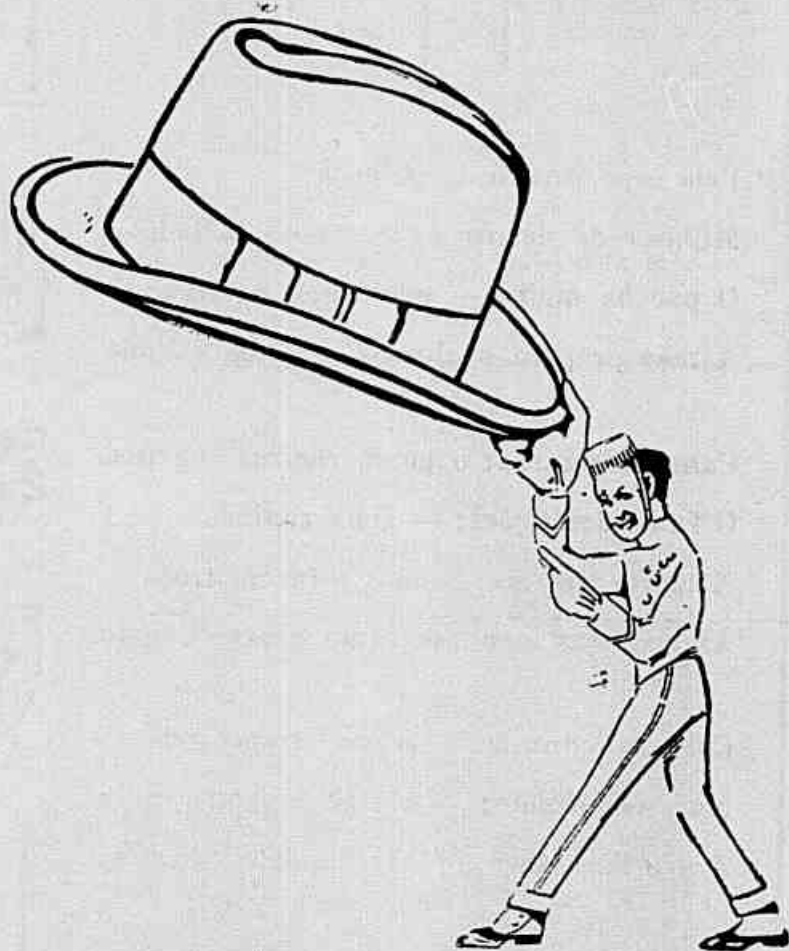
Mettido dentro do armario,
Em fraldos, tremento e arfando.
—“Quê faz ah, Bel'sario?”
—“Eu?... Eu... estou passeiando”.

(PUFF)

GUIMARÃES PASSOS

Note bem:

O melhor sortimento de chapéos das duas maiores cidades do Brasil, não só pela variedade como pelo gosto moderno, é, póde ficar certo, aquelle de que dispõe, pelos preços mais vantajosos, a



"A Capital"
RIO - S. PAULO

PAGINA PORTUGUEZA

A cosinheira por ANDRÉ BRUM

não te agrada?

— Ora, meu amigo: ser honesta é uma car-
reira sem futuro nenhum. Um dia farto-me e...

— E então?

— Separamo-nos. Nós não somos casados.

— Sim? Has de ver então se todos os ho-
mens são tão accomodatícios como eu, se te dei-
xarão sahir quando quizeres, voltar quando te
appetega...

N'esta altura, o creado veio annunciar que
o jantar estava na mesa. O nosso Sequeira, já
muito arrependido de ter falado em separação,
procura domesticar a D. Lucrecia com attensões
humildes e delicadezas rasteiras. Vão para a casa
de jantar.

III

— Então, meu amorzinho?... Não estejas
zangada. Acabou-se. Faça lá uma carinha boni-
ta ao seu amor. Vá... Sabes? Temos uma nova
cozinheira.

— Que tenho eu com isso?

— Prova-me este jantar. Acho-o excellente.

— Excellente? Sempre quero ver isso...

Lucrecia leva o garfo á bocca e repelle o
prato com violencia.

— Pfff... Que porcarias!

— Não digas isso... Asseguro-te que, para
meu gosto...

— O teu gosto! Só o tiveste uma vez na vida.
Foi quando me encontraste...

— Eu gosto d'esta cozinheira.

— Ah! Sim?... Pois vaes despedil-a imme-
diatamente.

— O' menina! Tem juizo... Que diabo! Dei-
xa-a estar ao menos oito dias.

— Oito dias? Nem mais um minuto. E' rua
e já. Vaes chamal-a e despedil-a, aqui deante de
mim. (Ao creado) Diga á cozinheira que che-
gue cá.

— Está bem! Eu gostava della. Parecia-me
boa creatura.

Fez-se um silencio e a cozinheira apparece
entre portas.

— O senhor mandou-me chamar?

Ao som d'esta voz, Lucrecia volta de subito
a cabeça.

O nosso Sequeira, muito embaraçado, expli-
ca á cozinheira:

— E' que... Sim, eu por mim, tenho pena;
mas vocemecê não serve cá para casa. A senhora
não gosta da sua cozinha.

A cozinheira levanta os olhos para Lucre-
cia, faz-se muito pallida e murmura:

— Ah! E' a senhora que me põe na rua?

— Na rua, não! Emfim... o caso é este...
A senhora é muito exigente.

— Sim... E' natural, concorda a pobre ve-
lha. Conheci, n'outro tempo, uma rapariga que
gostava da cozinha que eu fazia e lhe dava quan-
do ella voltava do trabalho... Porque era uma
rapariga honesta que trabalhava. Eu não tinha
maior alegria do que arranjar uma surpresa, pe-
quenina e pobre, para o jantar d'ella. Era dif-
ficil. Eu não tinha nem dinheiro nem coisas boas,
como n'esta casa, por exemplo.

— Essa historia não nos interessa. Tenha pa-
ciencia. Não é verdade, minha Bibi? — pergun-
tou o Sequeira á Lucrecia, que não abria bico.

— Apesar d'isso, a minha cozinha agradava-
lhe. Bem sei que uma rapariga honesta, pobre e
creada por sua mãe, que a adorava, não tinha o
direito de ser exigente como a senhora...

Lucrecia começou a soluçar.

— Mas que é isto? Que tens? — perguntava
o Sequeira, espavorido.

A cozinheira continuava:

— A senhora afinal tem razão. A minha co-
zinha não deve ser grande coisa; mas, com um
coração puro, acha-se gosto ás coisas mais ordi-
narias.

E, como Lucrecia redobrasse de lagrimas, o
Sequeira explodiu:

— Que diabo vem vocemecê para aqui fazer
chorar a senhora com essa historia imbecil?

— Eu? Fazer chorar a senhora? Ella não me
conhece. E eu... tambem a não conheço... Boa
noite, senhor e... minha senhora.

Mais corcovada, mais triste, a cozinheira
saiu.

— O que tens tu, Lucrecia? Anda, diz, sup-
plicava o Sequeira.

Então Lucrecia caiu de joelhos, de rastos so-
bre o tapete e gritou allucinadamente:

— E' a mamã... a mamã...

A - N - D - R - É B - R - U - M

PAGINA PORTUGUEZA

A cosinheira por ANDRÉ BRUM

I

O grande Sequeira, o homem o Sequeira, com certeza: aquelle rapaz de quarenta annos, que anda sempre muito janota, frequenta os theatros, os touros; vae lá fóra, de vez em quando, vive dos seus rendimentos, tem mulheres, um feliz, em summa — é agora avisado pelo criado que a cozinheira, pedida por annuncio, n'um jornal diario, acaba de apparecer. A cozinheira é introduzida no escriptorio.

— “Ah! Vocemecê é que é a cozinheira? Traz algum attestado?”

O attestado é exhibido.

O Sequeira lê e, com aquelle ar esperto, que tem desde pequeno, commenta:

— “A informação é boa, não ha duvida; mas, enfim, attestados são attestados... Obras é que se querem vêr.

A cozinheira, uma velhota asseada, com o olhar claro e sincero, mas triste e pesado sob uma vida sem alegrias, murmura com um sorriso:

— “stou certa de que V. Ex. se ha de dar bem com o meu serviço.

— Deus queira. Aqui dizem que vocemecê cozinha bem. E' o que vamos vêr. A ultima cozinheira, que tive e trazia excellentes attestados, deitava pimenta no arroz doce e assucar nos ovos mexidos. Enfim, veremos. (Lendo o attestado). Esteve então tres annos n'esta casa? Porque saiu de lá?

— A filha da dona da casa casou; ficou com os paes... O serviço era muito para mim e eu estou velha e cançada.

— E, antes d'alli estar, onde serviu?

— Em parte nenhuma. Estava em minha casa. O meu marido morreu. Não me deixou senão miseria. Tive então que trabalhar; mas a costura não sustenta uma mulher. Metti-me a cozinheira. Sabia um bocado de cosinha.

— E' a vida... E vocemecê não tinha ninguem que a ajudasse? Não tinha filhas?

A esta pergunta, a cozinheira, com a medrosa apprehensão da creatura mal curada d'uma ferida d'alma, enja cicatriz qualquer palavra in-

oportuna faz abrir, respondeu com vivacidade:

— Não. Não tenho. Já não tenho.

O senhor Sequeira não é homem pra tristezas.

— Está bem. De resto não tenho nada com isso. A sua cara agrada-me. Fica. O ordenado será o mesmo. E, agora, trata-se de mostrar o seu talento. A's sete horas preciso d'um jantar apuradinho, á sua escolha; mas que seja interessante, porque gostamos de jantar bem.

— V. Ex. não é só?

— Não. Temos tmbem a senhora.

— Ah! Como o senhor é que tem tratado commigo, cuidava que fosse solteiro...

— Sou... isto é... enfim, não. De resto commigo é que terá de tratar. A senhora não se occupa da casa, não gosta. A mim entretém-me. Tenho habitos de solteirão... Está entendido?

II

A's sete horas menos cinco, a porta do gabinete do nosso Sequeira abre-se com impeto e uma dama muito chic, muito nova, muito perfumada, faz a sua entrada. E' a senhora, isto é: a Laurecia.

— Ah! E's tu, meu mor? pergunta Sequeira para perguntar alguma coisa, porque não ha duvida que é ella.

— Dá cá dinheiro, filho. Estou sem vintem e tenho alli a modista com uma conta. São dezesete mil e seiscentos.

— Está bem, concorda o Sequeira... Mas eu dei-te quarenta mil réis esta manhã.

— Então que tem isso? Se imaginas que uma mulher, como eu, está com um homem, como tu, pela gloria e pelo prazer...

— E's muito amavel.

Toca-se a campainha, vem o creado, leva o dinheiro. O Sequeira continua:

— Sim. Has de concordar que não és muito amavel. Parece-me que tenho feito alguns sacrificios por ti.

— E eu? Viver contigo, só contigo, não achas um sacrificio?

— Então esta existencia de mulher honesta





PARE!

E

OUÇA

o que diz
o emmen-
ta Prof Dr
RUBIÃO
MEIRA
Attesto
que tenho
empregado
com frequencia
em minha clinica O

Emplastro
PHENIX

obtido excelentes
resultados na **CURA**
RHEUMATISMO,
DORES nas COSTAS,
CONSTIPAÇÕES,
- etc - "

EXISTE HA 50 annos

EXIJA ESTA MARCA

O MEDICO POR

JOÃO FORTUNATO

Após dois annos de ausencia na Europa, de onde mandava semanalmente as suas noticias á esposa, a encantadora D. Leonette, desembarcou o illustre medico brasileiro Dr. Florismundo Sampaio no Rio de Janeiro, sem que tivessem conhecimento do seu regresso mesmo os seus amigos mais intimos. Desfigurado pela barba escura e serrada, que deixara crescer, á maneira dos professores parisienses, não lhe foi difficil passar incognito entre os seus proprios camaradas e, principalmente, tomar um commodo no Hotel dos Estrangeiros, onde se hospedou com o conforto que lhe permittia a fortuna. Desconfiado de tudo e de todos, o seu plano era apurar com segurança, com documentos, e com efficiencia, a conducta da esposa durante a sua ausencia, de modo a impedir o ridiculo que, necessariamente, cahiria sobre o seu nome.

Não se haviam passado, ainda, 24 horas após o desembarque do notavel especialista, que ali déra um nome suposto, quando um dos hospedes do Hotel, um moço com ares de capitalista, lhe bateu á porta do quarto.

— Doutor, dá licença?

O illustre viajante mandou entrar o importuno, e esse, depois de, com a sua permissão, fechar a porta com o trinco, tomando todas as precauções para a revelação de um caso grave, pediu licença para sentar-se.

— Doutor, — começou o moço, torcendo as mãos; — doutor, o caso que lhe venho revelar é delicadissimo, e eu confio na sua palavra, na pratica perfeita, rigorosa, do segredo profissional.

— Perfeitamente, — concordou o visitado.

— Trata-se do seguinte: Uma senhora de alta posição social, deu, na ausencia do marido, um passo em falso no caminho da honra, e quer, agora, encobrir a sua vergonha.

— Matar o filho? — exclamou o medico, escandalizado.

— Não, senhor, — tornou o rapaz. — O que ella deseja, ou, antes, o que nós desejamos, é que a creança viva. Tratando-se, porém, de uma senhora de elevada condição e grandes responsabilidades, não lhe é conveniente revelar o seu segredo aos medicos da cidade, que lhe conhecem a situação. A presença do senhor neste hotel é, portanto, providencial. Sem saber de quem se trata, o senhor, que não é daqui, poderá salvar,

sem inconveniente, duas vidas, e o que é mais, a dignidade de uma senhora, e, com ella, o bom nome do seu lar.

Mordendo a ponta do dedo pollegar, o medico escutava, attento, a narração do capitalista. Concluida esta, estendeu-lhe a mão, concordando:

— Está bem. Quando quer que vá vel-a?

— Hoje, agora, já! — exclamou o moço, reanimado. — E' preciso partir já!

Dez minutos depois entravam os dois em um gracioso palacete do Flamengo, onde o medico foi deixado na sala, por um instante, enquanto se preparava a doente para recebê-lo. Um minuto mais, e o moço convidou, abrindo uma porta:

— Entre, doutor!

O medico entrou, e, prevenido, não estranhou que a enferma tivesse o rosto coberto por um véo espesso, para não ser reconhecida. E começou, calmo, a cumprir o seu dever, constatando, de prompto, a gravidade da situação e o perigo de vida a que se achava exposta aquella creatura mysteriosa. De repente, porém, no exercicio da sua obrigação dolorosa, teve um presentimento, e ia afugentá-lo, quando a dama, num momento de dôr, soltou um grito desesperado, estraçalhando com as mãos o véo que lhe cobria o rosto. De olhos esbugalhados, o doutor encarou-a, e recuou, com as mangas arregaçadas.

— Leonette! — gritou.

Uma onda de sangue subiu-lhe, tres vezes, á cabeça, fazendo-o cambalear. Ao abrir os olhos, viu, porém, a gravidade do caso. Abandonar a doente alli, por mais um momento, seria matá-la. E como isso repugnasse ao medico, chegou-se, de novo, para a enferma, e continuou, calmo, o seu dever, salvando a mulher e a creança. Ao cabo de oito dias, sereno, tranquillo, inalteravel, chamou o rapaz que lhe solicitára os serviços e communizou:

— A sua doente está salva. O meu dever de medico está, pois, cumprido.

— Quanto lhe devo, doutor? — indagou o moço, contente.

O medico não respondeu. No dia seguinte voltava á casa em que salvára a cliente, e, com o mesmo sangue frio, matava a mulher.

João Fortunato